

# Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado

Content analysis: elaboration technique and signified units analysis

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **R. bras. Ci e Mov.** 2005; 13(4): 107-114.

**RESUMO** – O presente trabalho justifica-se por apresentar aos pesquisadores das mais variadas áreas científicas uma proposta de técnica de investigação qualitativa, originária da combinação das abordagens de Análise de Conteúdo, em especial uma adaptação da Análise de Avaliação Assertativa (Bardin, 1977) e da Análise do Fenômeno Situado (Giorgi, 1978 e Martins e Bicudo, 1989), denominada *Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado*, construída por Moreira, Simões e Porto, tendo sido testada nos últimos treze anos, como revelam alguns trabalhos referenciados. A Técnica consiste nos momentos de: Relato Ingênuo; Identificação de Atitudes e Interpretação. A estrutura teórico/epistemológica da proposta está vinculada aos pressupostos fenomenológicos, em especial na obra de Merleau-Ponty quando do trato com o fenômeno corporeidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** técnica de pesquisa qualitativa – análise de conteúdo – unidades de significado.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Content analysis: elaboration technique and signified units analysis. **R. bras. Ci e Mov.** 2005; 13(4): 107-114.

**ABSTRACT** – The objective of this study is to show researchers from different scientific areas, a technical proposal of qualitative investigation, originated from the combination of Content Analysis Approaches, specially an adaptation of Assertative Evaluation Analysis (Bardin, 1977) and from Situated Phenomenon Analysis (Giorgi, 1978 and Martins and Bicudo, 1989), denominated Elaboration Technique and Signified Units Analysis, formulated by Moreira, Simões and Porto, having been used in the last thirteen years, as some cited researchers show. The technique consists of moments: Ingenuous Narration, Identification of Attitudes and Interpretation. The proposed theoretical and epistemological structure is linked to the phenomenology purpose, mainly based on the Merleau-Ponty papers when it is discussed the corporality phenomenon.

**KEYWORDS:** technical of qualitative investigation – content analysis – signified units.

Wagner Wey Moreira<sup>1</sup>

Regina Simões<sup>2</sup>

Eline Porto<sup>3</sup>

<sup>1</sup> wmoreira@unimep.br

<sup>2</sup> rrsimoes@unimep.br

<sup>3</sup> eliporto@unimep.br

Núcleo de Corporeidade e Pedagogia do  
Movimento - Nucorpo  
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Recebimento: 29/10/2004  
Aceite: 13/10/2005

### Introdução

A proposta de estruturação da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado para a interpretação dos significados dos discursos de sujeitos a respeito de um determinado fenômeno, numa abordagem qualitativa de análise de conteúdo, é a razão de ser deste trabalho científico.

O objetivo do artigo é colocar à disposição das comunidades científica e acadêmica uma técnica de pesquisa de abordagem qualitativa que pode ser utilizada com rigor, radicalidade e de forma contextualizada, visando à compreensão e à interpretação dos relatos dos sujeitos de uma pesquisa, os quais emitem opinião sobre determinado assunto, opinião essa carregada de sentidos, de significados e de valores.

A técnica ora apresentada tem sua gênese em duas outras propostas já consagradas em pesquisa, a saber: 1) uma adaptação da Técnica de Análise de Asserção Avaliativa (Evaluative Assertion Analysis – EAA) proposta por Osgood, Saporta e Nunnally, mencionada por Bardin<sup>1</sup> (1977), e referendada por dois especialistas doutores da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e 2) a abordagem da Análise do Fenômeno Situado, estruturada por Giorgi<sup>2</sup> (1978) e Martins e Bicudo<sup>8</sup> (1989).

### Sustentação Teórica

Historicamente, o corpo do ser humano tem sido visto e tratado preferencialmente do ponto de vista da sua anatomia e da sua fisiologia. Nesta ótica, o que se procura transmitir aos educadores interessados na melhoria do corpo e na utilidade de seus movimentos é um corpo humano no seu aspecto físico, em suas formas, na tonicidade de seus músculos e na explicação dos movimentos coordenados desse corpo. Isto faz com que, ao longo desse processo, haja a transformação do corpo, que deveria ser considerado veículo do ser-no-mundo em um dos objetos componentes desse mundo. “Coisificamos” o corpo. Desprezamos a experiência do corpo e privilegiamos a idéia de corpo. Ou, mais precisamente nas palavras de Merleau-Ponty<sup>10</sup> (1994:109):

Eu decolo de minha experiência e passo à idéia. Assim como o objeto, a idéia pretende ser a mesma para todos, válida para todos os tempos e para todos os lugares, e a individuação do objeto em um

ponto do tempo e do espaço objetivos parece finalmente como a expressão de uma potência posicional universal. Não me ocupa mais de meu corpo, nem do tempo, nem do mundo, tais como os vivo no saber antepredicativo, na comunicação interior que tenho com eles. Só falo de meu corpo em idéia, do universo em idéia, da idéia de espaço e da idéia de tempo.

Ainda refletindo sobre o fenômeno corpo, Merleau-Ponty<sup>10</sup> (1994) afirma que ele é o veículo do ser-no-mundo, e o possuir um corpo é para o sujeito, assumir compromissos, estar envolvido no mundo, identificar-se com objetos e projetos e estar continuamente comprometido com eles. Portanto, se fixarmos a idéia de um corpo dentro apenas dos padrões anátomo-fisiológicos, desligando o corpo da própria natureza do humano como ser-no-mundo, teremos uma pesquisa centrada na explicação causal, mas não chegaremos à compreensão do corpo, e menos ainda à idéia de multiplicidade do corpo.

A idéia de corpo objeto não advém apenas da área anátomo-fisiológica. A própria psicologia clássica, ao pensar o ser humano, considerava-o dividido em corpo e alma, estando esta última ligada ao corpo pela transitoriedade desse corpo. Essa mesma psicologia clássica, diz Merleau-Ponty<sup>10</sup> (1994) ao descrever o próprio corpo, atribuía-lhe alguma característica incompatível com o estatuto de objeto, querendo dizer que o corpo se diferenciava dos demais objetos do mundo, como por exemplo, uma mesa, uma cadeira ou uma lâmpada. Mas, afinal, ainda era um objeto, com características próprias e estabelecendo sempre uma relação de distância entre corpo e objeto, numa visão cartesiana de sujeito e objeto.

A presentidade do corpo não pode ser confundida com a permanência dos objetos no mundo, pois o corpo é nosso meio de comunicação com esse mundo, no horizonte de nossas experiências. Portanto, o fundamento justificador desta proposta de pesquisa, calcada numa abordagem científica qualitativa de um determinado fenômeno situado, é o de tentar desvelar os significados de discursos proferidos por corpos que apresentam experiências significantes, como veículos de comunicação com o mundo, ou mais precisamente, corpos como expressões possíveis de seres-no-mundo.

A Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado assume três significativos conceitos provenientes da proposta de pesquisa fenomenológica. O primeiro deles é o conceito de abordagem. Apoiando-nos em Giorgi<sup>2</sup> (1978), lembramos que ao estabelecer a categoria de abordagem levamos em consideração o próprio pesquisador no empreendimento da ciência. Designamos por abordagem o ponto de vista fundamental em relação ao ser humano e ao mundo que o cientista traz, ou adota, com relação ao seu trabalho como cientista, seja tal ponto de vista explícito ou implícito, lembrando ainda que ninguém poderia tornar completamente explicitadas todas as características de sua abordagem. Deste ponto de vista limitado, cada cientista afirma a verdade tal como a vê, deixando aos outros colegas cientistas a tarefa de criticar e modificar sua tese, permanecendo assim o que é verdadeiro e se apagando o que é falso. Queremos com isto, afastar mais uma vez desta proposta de pesquisa, a idéia de neutralidade, mesmo porque em pesquisa nas ciências humanas é essencial para o pesquisador estar presente de uma forma humana e não de uma forma neutra.

Um segundo conceito que merece nossa atenção é o do valor de método em fenomenologia. Para a pergunta se existe um método em fenomenologia, podemos responder apoderando-nos das idéias de Tápia<sup>16</sup> (1984). A primeira resposta é negativa, se o método for entendido como um procedimento canônico, do tipo: problema e hipótese; definição de variáveis; teoria explicativa; manipulação e medidas; tratamento estatístico. Tal proceder não constitui modo de investigação fenomenológica. No entanto, esta negação significa, na verdade, colocar em suspensão os padrões tradicionais de metodologia de pesquisa científica. Se considerarmos que uma concepção de metodologia de pesquisa científica pressupõe uma visão de ciência e esta implica numa concepção metodológica de pesquisa, concluímos que operar uma “epoché” ao nível metodológico significa necessariamente operar uma “epoché” ao nível dessa visão de ciência. Lembramos que “epoché”, na denominação de Husserl, quer dizer a suspensão de qualquer julgamento ou uma parada, após haver saído da maneira comum vigente de olhar as coisas.

Já a segunda resposta pode ser afirmativa, pois a própria operação da “epoché”, exercida nas várias instâncias de investigação fenomenológica, sugere uma perspectiva metodológica. Reforçando essa análise, Von Zuben<sup>17</sup> (1984) afirma que a partir dos esclarecimentos apresentados por Merleau-Ponty podemos compreender a importância dos principais temas do método fenomenológico, a saber: volta às coisas mesmas como finalidade mesma da fenomenologia, a redução fenomenológica que irá revelar-nos a nossa abertura ao mundo (intencionalidade) e aos outros (intersubjetividade). Daí, deve ser tema da metodologia fenomenológica o revelar do mundo vivido, antes mesmo de ser significado, mundo onde estamos, onde nos encontramos com o outro, onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões.

O terceiro conceito a merecer atenção mais detalhada está ligado à explicitação da idéia de objetividade, pois é comum a afirmação de que uma pesquisa científica tem que ser objetiva, isto é, tem que ser possível quantificá-la, reproduzi-la e deve apresentar grande probabilidade de generalização. Isto, na realidade, não é objetividade, mas sim objetivismo.

Luijpen<sup>6</sup> (1973:138) aborda o assunto da seguinte forma:

Não há inconveniente algum em designar como ‘objetividade’ a verdade enquanto desocultação. Só para os que professam uma concepção objetivista do objetivo não é bastante objetiva a objetividade da fenomenologia. Essa objetividade sempre se liga ao sujeito, conforme os fenomenólogos, ao passo que, conforme os outros, apenas se pode falar de objetividade eliminando-se do encontro, que é o conhecimento, o sujeito. Assim, porém, destrói-se o próprio encontro, que é o conhecimento, e não se pode mais falar de objetividade em nenhum sentido.

Giorgi<sup>2</sup> (1978) revela que o objetivismo se refere ao significado que o mundo teria em si mesmo, independente de qualquer ser humano como questionador do mundo. Deste ângulo, há a pressuposição que existe apenas uma forma de se conhecer o mundo, que é a de conhecê-lo como ele “realmente é”. Esta posição parte de uma filosofia realista, em

que o mundo é completo e inteiro como tal, anterior e independente do ser humano. Além disto, com esse padrão de objetividade (que é objetivismo), o termo subjetivo é sempre pejorativo, pois significa falar sobre o mundo sem remover a presença do sujeito.

Evitar esses equívocos é razão de ser da presente proposta de pesquisa com abordagem qualitativa, calcada nos pressupostos fenomenológicos.

### A Gênese da Proposta Metodológica

Considerando que a proposta da Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado baseia-se nas duas abordagens mencionadas anteriormente, é fundamental apresentar os estruturais destas para justificar a criação da nova técnica.

Moreira<sup>11</sup> (1990), em seu trabalho de tese de doutorado a respeito da Educação Física Escolar, utiliza-se de uma abordagem qualitativa em pesquisa, denominada Análise do Fenômeno Situado, proposta esta detalhada nos escritos de Giorgi<sup>2,3,4</sup> (1978, 1985, 1986) e de Martins e Bicudo<sup>7,8</sup> (1983, 1989), bem como nos de Martins e Dichtchekenian<sup>9</sup> (1984).

Os momentos desta abordagem podem ser apresentados da seguinte forma: Descrição, Redução e Interpretação. Na Descrição, o pesquisador preocupa-se em conseguir o sentido geral das proposições, prendendo-se à capacidade de compreender a linguagem do sujeito. Neste momento, o pesquisador anota todos os detalhes encontrados nos discursos dos sujeitos, bem como de sua maneira de ser, contextualizando palavras e gestos para posterior interpretação dos significados dessas ações. Na Redução, o pesquisador seleciona, mediante idas e vindas nas descrições conseguidas, aquelas unidades que mais chamaram sua atenção, considerando que, numa pesquisa qualitativa de suporte fenomenológico, não há a possibilidade da neutralidade e que o mundo do pesquisador faz parte do mundo da pesquisa, como já explicitado no item anterior deste escrito. Essas unidades, agora selecionadas, irão se constituir nas Unidades de Significado, que representam o sentido das idéias dos sujeitos pesquisados. A Interpretação é constituída pelo momento em que o pesquisador realiza as duas análises finais para a tentativa de conhecer o fenômeno

estudado: a Análise Ideográfica, desvelando as idéias dos sujeitos individualmente e a Análise Nomotética, onde se buscam, sem a preocupação de generalizações, os pontos de convergência e ou divergência entre as idéias dos vários participantes da pesquisa.

Já na Técnica da Análise de Asserção Avaliativa, elaborada por Osgood, Saporta e Nunnally presente em Bardin<sup>1</sup>, (1977), se busca identificar as atitudes dos sujeitos em relação ao objeto de que falam, quando exprimem opiniões acerca de um assunto. Mais precisamente na fala de seus idealizadores: "Uma atitude é a pré-disposição, relativamente estável e organizada, para reagir sob forma de opiniões (nível verbal), ou de atos (nível comportamental), em presença de objetos (pessoas, idéias, acontecimentos, coisas) de maneira determinada". (Bardin, 1977: 155)<sup>1</sup>

Assim, em nosso dia-a-dia, temos opiniões sobre as coisas, sobre as outras pessoas, sobre os fenômenos e sempre manifestamos essas opiniões através de juízos de valor. Essas opiniões podem ser positivas ou negativas, amigáveis ou hostis, otimistas ou pessimistas, com julgamentos favoráveis ou desfavoráveis. No entanto, entre esses dois pólos e outros possíveis de confrontação, existem estados intermediários, ambivalências, que cabe ao pesquisador garimpar e interpretar buscando identificar os significados do fenômeno estudado.

Desta forma, o que se propõe neste momento, é uma técnica que crie interfaces entre as duas anteriormente apresentadas, sempre no sentido de identificar os valores presentes nas opiniões dos sujeitos em relação a determinado fenômeno.

### Elaboração e Análise de Unidades de Significado – A Técnica

Considerando os pressupostos anteriormente estipulados, a técnica deverá percorrer os seguintes momentos:

#### 1) Relato Ingênuo

Neste momento, o pesquisador deverá centrar sua preocupação no entendimento do discurso dos sujeitos, que poderá ser obtido através da aplicação de questões geradoras a respeito do fenômeno que se estuda, na forma de questionários impressos, de perguntas a serem respondidas utilizando-se gravadores,

ou outra forma. A importância está na construção da pergunta geradora. Esta não pode ser na direção de respostas monossilábicas, o que impediria os sujeitos de emitir seus pensamentos com detalhes. Também a pergunta deve ser feita após explicação do porquê da pesquisa, dando aos sujeitos o tempo necessário para organizarem o pensamento antes da resposta. Se, em alguns casos, o fenômeno a ser investigado exigir mais que uma pergunta geradora, elas deverão ser feitas por etapas, onde a seguinte só deverá ser proferida após a resposta dada à anterior. Caso contrário, as questões subseqüentes poderão, em certo sentido, deformar o que se pretendia investigar nas questões anteriores.

Deve aqui o pesquisador, se possível, anotar também os comportamentos dos respondentes, no sentido de criar o pano de fundo para melhor interpretar o fenômeno investigado.

Para clareza do sentido das palavras aqui empregadas, denominamos relato ingênuo os dizeres do sujeito na sua forma original, sem alterar a grafia ou substituir termos por outros equivalentes. É o discurso em sua vertente “pura”, não sofrendo neste momento nenhum tipo de polimento ou modificação.

### 2) Identificação de Atitudes

De posse do relato dos sujeitos, deve o pesquisador preocupar-se com dois pontos principais: não perder de vista o sentido geral do discurso do pesquisado, o que pode ser conseguido voltando-se várias vezes à leitura dos depoimentos dos sujeitos, captando o sentido do todo; selecionar as unidades mais significativas dos discursos dos sujeitos, subtraindo-as dos relatos ingênuos, procurando criar indicadores e, posteriormente, categorias que possam servir de referencial para a interpretação. Aqui é fundamental para o pesquisador identificar os componentes dos enunciados avaliativos, ou seja, os objetos de atitude (pessoas, grupos, idéias, coisas, acontecimentos), os termos avaliativos com significado comum (termos que qualificam os objetos de atitude) e os conectores verbais que ligam no enunciado os objetos de atitude e os termos de qualificação.

### 3) Interpretação

Com o quadro geral das idéias de cada sujeito montado e caracterizado pela identificação das unidades de significado, bem

como as convergências e divergências, o pesquisador passa a fazer a análise interpretativa do fenômeno, buscando compreendê-lo em sua essência, esta entendida como possibilidade de se manifestar após o desvelamento das ideologias que permeiam os discursos dos sujeitos. Para isso, é conveniente agora recuperar os pressupostos teóricos constantes sobre o fenômeno pesquisado, colocados em suspensão ou em “*epoché*” no momento anterior, confrontando os pontos de vista dos autores com o relato dos pesquisados. Da mesma forma pode-se, através de variação imaginativa, buscar a interpretação dos discursos observando a coerência tópica (no interior dos relatos dos sujeitos), bem como a coerência utópica (relação dos discursos dos sujeitos e o contexto envolvente do fenômeno).

Sem a preocupação da busca de generalizações, o que seria a antítese deste caminhar metodológico, o que se pretende neste momento é encontrar *insights* gerais, ou seja, a estrutura do pensamento individual dos sujeitos que pode, como um todo, pertencer a vários outros indivíduos. Aqui, o pesquisador necessita determinar que aspectos das estruturas individuais manifestam uma verdade geral e quais não o fazem. Por isso ele relê as estruturas dos discursos individuais e considera essas afirmações como referentes a todos os casos. Assim agindo, o pesquisador pode identificar que algumas proposições podem ser tomadas como verdadeiras no contexto geral e outras não.

Para facilitar o entendimento da técnica ora proposta, na prática da pesquisa, recomenda-se a leitura de alguns dos exemplos de trabalhos realizados, mencionados no próximo item denominado O Trilhar da Proposta.

## O Trilhar da Proposta – Alguns Resultados e Discussão

Oferecer uma nova proposta em metodologia científica exige um tempo de maturação e um número adequado de testagens para sua validação. A técnica ora apresentada teve um tempo de maturação de treze anos e foram inúmeros os trabalhos já redigidos nos critérios definidos por ela.

Dos trabalhos de pesquisas, bem como de dissertações de mestrado e de teses de doutorado defendidas, sob as orientações de

Moreira, Simões e Porto, onde a técnica foi utilizada na pesquisa de campo, podemos destacar:

1) A dissertação de mestrado, posteriormente transformada em livro (Simões, 1994)<sup>14</sup>, intitulado “Corporeidade e Terceira Idade”, através das perguntas geradoras: O que é para você corpo? e O que significa o seu corpo?, investigou cento e cinquenta depoimentos de idosos participantes da Universidade da Terceira Idade da UNIMEP, dos quais trinta e quatro foram selecionados. A análise mostrou, como pontos convergentes, dentre outras considerações, que esses idosos se referiam ao corpo no tempo presente e de forma concreta, não aceitando as idéias, muitas vezes enfatizadas por algumas áreas em ciência, que classificam o idoso como um adulto menos. Também foi possível identificar que a sociedade (amigos, familiares), de forma geral, faz referências ao corpo idoso de forma negativa.

2) O Projeto de Iniciação Científica, elaborado por Inforsato, Moreira, Simões e Porto<sup>5</sup> (2000), desenvolvido com o apoio do CNPq/UNIMEP, teve como objetivo desvelar a visão de corpo que têm os alunos do último ano de graduação dos cursos de Fisioterapia, Psicologia e Pedagogia da Universidade Metodista de Piracicaba, através das seguintes perguntas geradoras: O que é corpo para você? Em sua ação profissional, como é seu trabalho com o corpo de seu aluno/paciente? O universo da pesquisa foi representado por vinte alunos de cada curso envolvido, perfazendo 60 alunos concluintes. Como resultados pudemos identificar em relação a primeira pergunta: no Curso de Pedagogia, “corpo é pensamento e comunicação”, resposta presente em 60% dos pesquisados; no Curso de Psicologia, “corpo é fonte de criações expressivas que traz em si sentimentos, emoções e desejos”, opinião de 50% dos entrevistados; no Curso de Fisioterapia, “corpo é um meio de expressar emoções, sentimentos, vontades, pensamentos, sendo portanto a nossa identidade”, relato de 50% dos pesquisados. Já em relação à segunda pergunta, tivemos: no Curso de Pedagogia, 60% relataram que “corpo é trabalhado através do lúdico, de brincadeiras, de jogos, de mímica, permitindo que o aluno se expresse corporalmente”; na Psicologia, as duas maiores

convergências, representadas por 40% dos sujeitos, apontam “a análise para se conhecer o paciente está na associação das manifestações corporais e verbais” e “o aspecto emocional é importantíssimo para o bem estar global do corpo como um todo”; já para os concluintes em Fisioterapia, 35% revelam a necessidade de “trabalhar com o corpo do paciente como um todo e realizar isto em perfeita harmonia, mantendo a integridade e proporcionando o bem estar do paciente”. Como conclusões, podemos observar: 1) Os discentes em Pedagogia revelam a compreensão de corpo que supera a tradição cartesiana, já havendo referências à um corpo unitário, dinâmico, integrado com o ambiente e com outros corpos. 2) Os formandos em Psicologia apresentam uma certa contradição, pois as visões utilitarista e sistêmica de corpo são simultâneas. 3) Os alunos de Fisioterapia também demonstram em seus discursos a contradição identificada no item anterior, onde o corpo é identidade e é visto como habitação do espírito ou ligado a idéia de funcionalidade restrita ao sistema neurológico.

3) Porto<sup>13</sup> (2001), com o objetivo de analisar e compreender como e em quais instâncias a pessoa portadora de deficiência é enfocada pelas diferentes áreas do conhecimento que compõem o currículo de Educação Física, realizou a pesquisa “A pessoa portadora de deficiência e as áreas de conhecimento no curso de Educação Física da UNIMEP”, entrevistando vinte e três professores, sendo oito da área da Educação Física, seis das Ciências Biológicas, sete das Ciências Humanas e dois das Ciências Exatas. O questionário de investigação foi elaborado da seguinte forma: “Você ministra disciplina no Curso de Educação Física? Qual? É solicitado a você que englobe no conteúdo geral de sua disciplina a pessoa portadora de deficiência. O que você tem a comentar sobre isto?” Como resultados, podemos relatar as maiores convergências da forma seguinte: em relação a área da Educação Física, seis professores afirmam e sugerem que as atividades físicas podem e devem ser adaptadas às pessoas portadores de deficiências, enquanto que cinco profissionais dessa área informam que, sempre que possível, relacionam o conteúdo específico da disciplina a essa clientela. Em relação aos profissionais da área de Ciências Biológicas, cinco consideram um

tema interessante e importante para ser tratado com os alunos, ao mesmo tempo em que revelam problemas estruturais para abordar o assunto como “é necessário aumentar a carga horária”, “a disciplina ministrada não é sobre patologia”, “o assunto não foi solicitado” ou “a Educação Física trabalha com pessoas e atletas sem deficiências”, revelando a contradição entre a importância do assunto e a falta de sua operacionalização. Cinco dos sete professores da área de Ciências Humanas informa que a temática tem sido abordada de acordo com o conteúdo da disciplina e apenas um dos sujeitos revela a importância de se despertar a sensibilidade das pessoas para a identificação das pessoas portadoras de deficiência no cotidiano e para as desigualdades sociais. Já entre os dois profissionais da área das Ciências Exatas, foi possível identificar contradições em seus depoimentos, pois enquanto um afirma ver o homem na sociedade empresarial como um ser humano e não como objeto, o outro relata que a disciplina enfoca o processo e o controle de eventos na área de Educação Física numa perspectiva mensurável. Mediante os resultados apresentados neste trabalho, nota-se mudanças e diferenças nos pensamentos dos docentes da Universidade Metodista de Piracicaba, ao se tratar da pessoa portadora de deficiência como uma população que pode e deve ser atendida pela Educação Física.

4) O artigo “(Qual)idade de Vida na (Qual)idade de Vida”, proposto por Simões<sup>15</sup>, apresenta um relato da opinião de dezoito idosos da Universidade da Terceira Idade da UNIMEP. As perguntas geradoras estão assim grafadas: 1) O que é qualidade de vida para você? 2) O que significa, corporalmente, viver bem para você? Em relação a primeira pergunta, dez sujeitos afirmam que qualidade de vida é alimentar-se bem, ter pensamentos positivos e prazer nas coisas e praticar

atividades motoras. Na segunda pergunta, as respostas mais enfatizadas dão conta que corporalmente viver bem é ter saúde, praticar exercícios físicos, dormir e alimentar-se bem. Nas considerações finais pode-se constatar que a qualidade de vida é identificada com valores mais humanos, como ter pensamentos positivos, cuidados com o corpo e com a alimentação, evitar a vida sedentária, possuir alegria nas realizações do dia a dia, destinando suas preocupações para além das coisas materiais.

Como é possível verificar, o trilhar da proposta já percorreu um extenso caminho, do qual apenas uma parte é aqui mencionada, numa linguagem de análise e discussão próprias da abordagem qualitativa em pesquisa, demonstrando a importância da criação de novos enfoques onde se preservam os critérios de rigor, radicalidade e contextualização para o desenvolvimento de pesquisas em ciências humanas.

### Considerações Finais

Oferecer uma alternativa de técnica, em abordagem qualitativa de pesquisa, a ser utilizada em áreas como Educação, Educação Física, Psicologia, dentre outras, foi a razão do presente trabalho. Desta forma, acreditamos haver cumprido o que foi proposto, oferecendo a referência teórica e os momentos do trilhar metodológico da proposta, bem como referenciando algumas pesquisas já executadas com a utilização desta técnica, não como modelo padrão, mas sim como exemplos possíveis de realização.

Os autores estão convictos de que descrever relatos ingênuos, identificar atitudes e interpretar os significados dos discursos dos sujeitos sobre um determinado fenômeno é tarefa importante para o entendimento do ser humano que se humaniza constantemente enquanto ser-no-mundo.

### Referências Bibliográficas

1. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
2. GIORGI, A. **A psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.
3. GIORGI, A. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh: Dusquene University, 1985.
4. GIORGI, A. Status of qualitative research in the human sciences: a limited interdisciplinary and international perspective. **Methods**. 1986; 1:29-62.
5. INFORSATO, C.F., MOREIRA, W.W., SIMÕES, R., PORTO, E.T.R. O fenômeno corporeidade nos cursos de formação profissional da UNIMEP. **Anais VIII Congresso de Iniciação Científica PIBIC/CNPQ-UNIMEP**. Piracicaba:UNIMEP, 2000; 252-255.

6. LUIJPEN, W. **Introdução à psicologia fenomenológica**. São Paulo: EPU, 1973.
7. MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Moraes, 1983.
8. MARTINS, J., BICUDO, MAV. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: PUC-SP, 1989.
9. MARTINS, J., DICHTCHEKENIAN, M.F.F.B., **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.
10. MERLEAU-PONTY, M. **A fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
11. MOREIRA, W.W. **Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica**. Campinas: Unicamp, 1990.
12. MOREIRA, W.W. (organizador) – **Qualidade de Vida: complexidade e educação**. Campinas: Papirus, 2001.
13. PORTO, E.T.R. A Pessoa Portadora de Deficiência e as Áreas de Conhecimento no Curso de Educação Física da UNIMEP. **Revista da SOBAMA**. 2001; 6: 19 - 26.
14. SIMÕES, R. **Corporeidade e terceira idade**. Piracicaba: Unimep, 1994.
15. SIMÕES, R. (Qual)idade de Vida na (Qual)idade de Vida. In: Moreira, W.W. (organizador). **Qualidade de vida: complexidade e educação**. Campinas: Papirus, 2001. p.169-190.
16. TÁPIA, L.E.R. Método em fenomenologia. In: MARTINS, J., DICHTCHEKENIAN, M.F.F.B. (organizadores). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984. p. 69 a 74.
17. VON ZUBEN, N.A. Fenomenologia e existência: uma leitura de Merleau-Ponty. In: MARTINS, J., DICHTCHEKENIAN, M.F.F.B. (organizadores). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984. p. 55 a 68